

Pelo dia do amor (1)

ALBERTO LOTE TCHECO, 26 Fevereiro 2016



NO dia 14 de Fevereiro deste ano, comemorou-se mais um Dia dos Namorados. Ao estilo ocidental, nas esquinas das grandes avenidas das cidades moçambicanas, muitas rosas vermelhas foram vendidas pelos jovens barulhentos e pregadores do amor. Um canal televisivo cá da capital do país exibiu um par de septuagenário a ensinar os jovens cidadãos como devem namorar a moda ocidental, o que deve ter provocado algumas rizadas, mais pelo “atrevimento” que propriamente uma bela simulação.

É que as formas de namoro são culturais e geracionais e, em algumas culturas, o beijo é proibido e a rosa pode simbolizar a morte. E como a cidade de Maputo é um espaço multicultural, mas dominado pela cultura ocidental, a questão amorosa tende igualmente a suscitar mais a tensão amorosa quando o amor, já em si, é um estado tenso.

Forçando a palavra “namorado” para derivar de “amor”, com os afixos “em” e “ado”, “namorado” seria um estado de amor entre dois amantes. O namoro seria então a forma real da existência do amor, sem que tal não pode existir. É por isso também que quando, entre casais o amor esfria e surgem os problemas que até podem levar ao divórcio, o conselho é de apelo para que os desavindos se reconciliem pelo namoro, fazendo o que faziam enquanto namorados.

Se num dia (14 de Fevereiro), na tv, se apresentam os exemplos dumas intensas vidas amorosas, quando o resto dos dias ao longo do ano são muito mais exibidos cenas de desamor, em formas de divórcios, pancadaria, homicídios, etc. entre amantes (casados e namorados) protagonizados por mulheres e homens. Este cenário violento e tenebroso contrasta totalmente com a expressa vontade e pregação que se tem feito do amor em momentos e locais profanos e sagrados. Este estado ilusório sobre um romantismo estéril leva a autora de “Mulher Eunuco”, Gemaine Greer declamar: “Amor, amor, amor – quanta miserável hipocrisia podes tu ser: egoísmo disfarçado, luxúria, masochismo, sonhos míticos de comportamento sentimental, uma confusão a que nos damos de tristezas e alegrias não vendo e disfarçando o essencial nos feios gestos de fazer a corte, nos beijos e nos encontros, nos desejos, nos elogios e nas discussões que provam a esterilidade.

Na sociedade humana, o amor continua sendo o objecto mais transaccionado entre as mulheres e os homens. Dir-se-ia que as mulheres, independentemente da sua cor, cultura, religião e espaço, formam uma qualidade única e os homens também uma unidade qualitativa própria que, como produtos, têm de ser sujeitos dessa transacção. As relações entre estes (mulheres e homens) são constituídas por vários códigos comportamentais que assistem a cada parte assinante do contrato, para uma convivência harmoniosa que é na realidade, é mais de tensão e conflito. Analisar as relações amorosas para dar alguns subsídios de harmonização e tornar os amantes namorados exige-se que se reveja a natureza de cada um dos comprometidos (mulher e homem) e os compromissos declarados a serem assumidos.

Normalmente, as relações amorosas, a despeito das comuns tensões vividas na relação a dois (homem vs mulher), estas são encaradas de forma romântica a estilo religioso em que, da repetida oração se julga garantida a realidade da esperança. Mas, na realidade, o amor está longe de ser um namoro e logo que este termine em forma de casamento juramentado, os

comprometidos experimentam uma renovada e intensa vontade de uma vida descomprometida ou livre pois é sob o signo de liberdade que a mulher e o homem nasceram.

A esta tensão natural nascente (de liberdade), cada um deles esforça-se em reprimi-la por várias razões e formas, produzindo, não raras vezes, um estado neurótico pois o esforço em se conformar aos preceitos de juramento tornam-se cada vez mais insuportáveis até que sejam conseguidos por extirpação, isto é, por (tentativa) de destruição da causa da necessidade, em vez da sua satisfação.

É assim que as relações amorosas entre homem e mulher são mais marcadas pela tensão e conformada pelo compromisso para a sobrevivência mútua que é assumido como devendo ser romântico, igual ao estado (ideal) vivido no namoro, o verdadeiro momento de existência de amor. Entre a realidade problemática e de tensão vivida e o ideal de amor, no namoro, o homem moderno, incapaz de enfrentar esta dura realidade, preferiu e prefere a tática da avestruz: não encarar a realidade e iludir-se de que está tudo bem consigo e que o mal, se existir, seja do/a parceiro/a, criando-se assim mais um factor de tensão pessoal e interpessoal.

A recusa de se encarar a realidade problemática e tensa de amor por parte da mulher e do homem manifesta-se por se alocar à fonte de problemas o/a parceiro/a ou a um outro factor externo como o/a parceiro/a, a sogra, a cunhada, etc. um erro agravante que serve de manutenção desta uma visão romantizada de amor, em vez de o encarar de forma directa, séria e fria como tal e até mesmo como um dado eterno ou destino, pois é pelo menos reconhecido o destino da condição sexual de cada pessoa. Este reconhecimento não constitui em si uma resignação perante uma invencível realidade adversa, mas é o primeiro e maior investimento necessário capaz de reverter positivamente o amor, para fazer ressurgir a espontaneidade, a paixão, a liberdade e a segurança férteis do namoro.

A realidade tensa e problemática em que a relação amorosa homem/mulher é vivida pode ser identificada no modelo de um “bom” relacionamento que é constituído por pares idosos/velhotes e a declaração da duração do seu relacionamento como um argumento suficiente do correspondente namoro, assim como os conselhos dados resultantes da experiência que são um apelo para as atitudes e gestos positivos mas que se omitem as

experiências duras, violentas e todas as histórias pouco desaconselháveis que foram vividas e que serviram de escola para a retoma daquele namoro.

A sinceridade de Mandela, mesmo sobre a sua íntima/amorosa, é encorajadora para se testemunhar quanto estas relações são tensas. Na sua obra “Arquivo Íntimo”, fica-se a saber que, enquanto jovem casado com a sua primeira esposa, a enfermeira Evelyn, “Mandela se queixava de que ela estava a estragar o filho dando-lhe demasiado dinheiro e (Mandela) apertou-lhe a garganta e o rapaz foi chamar os vizinhos e, quando chegaram, viram que ela tinha arranhões no pescoço” ao que Mandela diz, negando que “Não é verdade” e que “Nós estávamos a discutir. Ela tinha-se preparado para isso sem eu saber. Ela tinha colocado (o atizador/pega de carvão usado nos fogões de carvão) em brasa e, no meio da discussão, ela retirou-o da brasa a fim de me queimar na cara. Foi então que a agarrei e lhe torci o braço o suficiente para ela deixar cair essa coisa”.

Este casamento, com este e outros tensos relacionamentos, resultou em divórcio, tendo o seu segundo casamento também terminado em divórcio, provando-se que quanto o desejado e cantado romantizado amor tão espinhoso.

Isto sugere que, na vontade pelo romantismo amoroso, a mulher e o homem assumem que este é um dado destinado e não mutuamente conquistado e, por isso, o resultado é conflituoso e se pretende evitar o mal, ignorando-o, o que é impossível.

Esta forma de encarar a relação amorosa não é uma simples questão pessoal mas paradigmática, isto é, é da forma geral como se concebe que seja a mulher e o homem e o relacionamento entre eles. A visão angelical deturpa a visão e promove o distúrbio nas relações interpessoais.

No paradigma Pós-Modernidade, as relações, seja de que natureza for, são entendidas como uma, como de diferença e contradição, mas com a possibilidade dialogante para a harmonização e, assim, ao desespero se reproduz a esperança e o amor renasce do reconhecimento do ódio. Assim, importa reconhecer ou caracterizar não só o idílico, o romântico, mas também o seu oposto, o ódio e o conflito intrínseco de cada um deles (homem e mulher), consigo mesmo e para com o outro e os seus relacionamentos. Este realismo, apesar da sua rudeza e nojo é fundamental para extirpar o núcleo destrutivo do amor. Não é fugindo,

camuflando ou distorcendo a realidade do relacionamento difícil que se lhe atenua a amargura mesmo a que a custa de tanto copo, tanta oração, tanta violência, tanta infidelidade, etc. que, além de não resolver o conflito, torna-o mais prejudicial ao próprio. Deve-se portanto caracterizar e reconhecer o seu oposto, o ódio, como existente e conflituante para com o amor.

O reconhecimento do ódio como a irmã do amor não é seja uma apologia ao mal mas, pelo contrário, a condição necessária para a prevalência do amor transformado em namoro, a forma real da existência do amor. O ódio existe na mesma altura e medida em que existe o amor e a liberdade pois estes são sempre uma possibilidade de escolha entre dois. Quase todas as religiões ensinam o livre arbítrio como uma condição necessária para que se tenha o sentido de vida e isso não significa que se deseja o mal ou o pecado apesar de se ensinar e caracterizar esse mal.

A forma como se reivindica e se diviniza o amor através de beijos, abraços, rosas, casamentos alegres com os seus juramentos de “até que a morte nos separe”, sem se ter em conta a seriedade, severidade, gravidade e a perigosidade duma relação amorosa contribui para o prejuízo do amor entre duas pessoas. É mesmo necessário que de desvenda este existente lado “negativo” no amor para que os amantes sejam namorados, pois, a tática de avestruz, de se auto iludir pelo seu próprio desejo, provoca o inverso.

A citada intelectual femininista austríaca e professora universitária, admite a “normalidade (de) que há uma guerra escondida entre os sexos” e que “a batalha é universal, mortalmente séria e pouco parecida com as tentativas isoladas que os movimentos de libertação das mulheres levam a cabo contra a ordem masculina. Quer a luta seja em casa ou fora dela, é sempre sem regras, nem convenções e a sua conclusão é a morte”. A ilustrar esta verdade, numa povoação moçambicana, escutámos muitas canções educativas para a noiva, cantadas por senhoras (casadas) que, entre outros versos não menos trágicos, enunciavam: “Coitadinho de mim/casei o homem/mas hoje me faz sofrer”, sugerindo quanto a mulher se sente amaldiçoada pelo homem que, uma vez casados, já não se vive o namoro; “Graça (nome da noiva), minha filha / aguenta / chamar-te-ão ladra / aguenta / chamar-te-ão porca /aguenta”, o que indica o triste destino da mulher na sua convivência com o homem, revelando também a sua incapacidade de reverter a situação; “Quem conhece o segredo do meu coração? / É só Jesus / Mas se fosse possível encarar este segredo / o seu dono teria medo / e o rejeitaria”, isto é, esse segredo é tão

maldoso e odioso para com o homem que até a própria mulher não poderia se estimar por assim se caracterizar. Por outro lado, a mulher revela a imensidão do seu sofrimento em que ninguém pode imaginar, a não ser Jesus, uma entidade divina, pois na terra, o homem não pode reconhecê-lo, por ser ele a causa do seu sofrimento. Estes e outros cânticos reportam um único factor da triste condição da mulher: o homem. Na verdade, a relação homem/mulher é tensa e este estado não se desvanece pela simples vontade e juramento perpétuo de não separação que até eterno é o sofrimento no inferno.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/analise/51535-pelo-dia-do-amor-1>